

da independência, pelo avanço da produção e da exportação do café, em estrutura diversa daquela sob a qual fora produzido, e continuava a ser, o açúcar; no fim, pela abolição do trabalho escravo, pelo alastramento lento mas seguro de relações capitalistas no centro-sul, pelo desenvolvimento, também lento e pontilhado de crises, da produção industrial, limitada a bens de consumo. A população brasileira cresceria dos quatro milhões, da época da independência, para os quinze milhões do fim do século. E a passagem de um a outro século é assinalada por alterações políticas que refletem as econômicas: a questão eleitoral, a questão religiosa, a questão militar, a questão do trabalho, a questão do regime, liquidando a monarquia suas possibilidades — questão financeira, por fim, e destacadamente, com o *funding loan* em que ficava espelhada a dependência ao imperialismo.

As relações capitalistas, que precedem e que condicionam o surto industrial, limitadas e ilhadas pela estreiteza do mercado interno e pela supremacia das relações pré-capitalistas, aparece em alguns dados brutos, em 1890, quando a monarquia chega ao fim: apenas dois portos aparelhados e uma usina elétrica, mas, por contraste, 10.000 quilômetros de ferrovias e 18.000 de linhas telegráficas; produção agrícola no valor de 500.000 contos de réis, e produção industrial no valor de 508.000 contos; exportação *per capita* de 15 mil réis e receita *per capita* de 11,5 mil réis. Entre 1881 e 1889, o número de estabelecimentos fabris passou de 200 a 600, com capital superior, na última data, a 400.000 contos de réis; mas 60% pertencem ao ramo dos têxteis e 15% ao de alimentícios. A mudança do regime influi no falso clima de euforia, que desemboca no fenômeno do *encilhamento*, com o capital das sociedades anônimas crescendo de 800.000 contos de réis para 3.000.000, entre 1889 e 1891, fenômeno financeiro que reflete a debilidade da estrutura brasileira de produção. O câmbio cai de 27 d, em 1889, a 6 d, em 1898. Paralelamente ao *funding loan*, estabelecido com os credores externos, o governo oligárquico adota a política simuladamente reformadora e austera de “saneamento” financeiro, fascinado pela deflação, freando bruscamente o desenvolvimento industrial e onerando gravemente a classe trabalhadora e a pequena burguesia. A depreciação cambial traduz a aplicação do mecanismo interno e externo de transferência de efeitos.⁴³

⁴³ “A grande depreciação cambial do último decênio do século, provocada principalmente pela expansão creditícia imoderada do primeiro governo provisório, criou forte